Da Etnopoesia Afro-Americana

SÉRGIO FIGUEIREDO FERRETTI

Ainda relativamente pouco conhecido dos estudiosos das religiões afro-brasileiras e prematuramente falecido em inícios de 1986, o escritor alemão Hubert Fichte tem seu terceiro livro traduzido no Brasil*. Convivi com Fichte no Maranhão em 1981, quando de sua última viagem ao Brasil. Na época, realizávamos ambos pesquisa de campo na Casa das Minas. Ao mesmo tempo, Fichte concluía ou planejava outros trabalhos, como uma sátira para teatro inspirada em velhas mães-de-santo do tambor de mina e, com sua companheira Leonore Mau, estudava grego clássico, para ler Heródoto no original.

Para mim é difícil fazer apreciação crítica de um trabalho de Hubert Fichte. Ficamos amigos trabalhando durante sete meses na mesma casa. Planejamos, inclusive, publicar um livro com fotos de Leonore Mau que, infelizmente, não chegou a ser concretizado. Somos meio irmãos por termos na mesma época participado juntos dos mesmos rituais. Por outro lado, sou também amigo de pessoas que não gostam de Fichte e que tiveram com ele desencontros vivenciais e intelectuais. Fichte morreu e devo apreciar seu trabalho com a admiração de seus numerosos amigos e, ao mesmo tempo, com o rigor que exigem seus antigos inimigos.

Fichte se apresentava como escritor e era um arguto e profundo observador da pessoa humana, tendo desenvolvido incrível capacidade de deixar o outro falar e de entrar a fundo no íntimo das pessoas. Fez estudos de agronomia, foi ator de teatro e, ainda jovem, na década de 50, começou a escrever e publicar trabalhos de prosa e poesia. Desenvolveu profícua carreira na literatura alemã contemporânea, tendo recebido prêmios literários importantes até pouco antes de morrer. Trabalhou como jornalista fazendo entrevistas e apresentando textos na rádio e na televisão alemã. Realizou três longas viagens ao Brasil em 1968, 1971 e 1981-82. Dominava perfeitamente nosso idioma,

---

*FICHTE, Hubert. *Etnopoesia. Antropologia Poética das Religiões Afro-Americanas.* São Paulo: Brasiliense, 1987, 324 pp.

Anuário Antropológico/87
Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990

como quase todas as línguas do Ocidente. Conhecia bem as literaturas clássica e moderna de Portugal e do Brasil. Era um grande viajante e escrevia, principalmente, durante longas viagens, em países da Europa, África e das Américas.

Desde inícios dos anos 70, Hubert Fichte passou a se interessar vivamente pelas religiões afro-americanas, tendo publicado na Alemanha diversos artigos sobre o assunto e, especialmente, os livros *Xango* (1976) e *Petersilie* (1980) sobre religiões afro-americanas na Bahia, Haiti, Trinidad, Santo Domingo, Venezuela, Miami e Granada e, com Leonore Mau, dois belos álbuns de fotografia sobre o mesmo assunto e pronunciado cursos e conferências sobre este tema em universidades alemãs.

Em suas pesquisas de campo, realizava um trabalho de detalhe extremo, num corte microscópico da realidade, mantendo contatos profundos com pequeno número de pessoas. Com estas desenvolvia laços de lealdade e de grande amizade, mantida em correspondência e revelada no grande afeto que seus informantes lhe devotam até hoje. No presente trabalho, verificamos que Fichte expõe idéias com as palavras dos informantes, revelando nos cortes e seleção do material seus principais interesses e pressupostos, como sensibilidade para temas atuais e sobriedade nas palavras. De fato, seu trabalho de campo minucioso é de grande interesse para a antropologia.

Muitas vezes irreverente e malicioso, Fichte desnuda, com maior ou menor sutileza, pessoas, algumas muito conhecidas em determinados meios, como ocorre neste livro. Suas entrevistas bem conduzidas, às vezes, revelam azedume contra pessoas famosas. Com isso, ganhou fama de escritor maldito ou de sensacionalista e oportunista. Assim, muitas vezes, faz revelações ou comete indiscrições que podem causar dissabores, pois não esconde facetas íntimas que descobre, graças à argúcia de observador, à facilidade com que deixa o outro falar de si e dos demais. Transcreve passagens que, provavelmente, lhe foram ditas, talvez em confiança, num estado de espírito especial e sem a consciência de que poderiam vir a ser tornadas públicas. Com isso, Fichte perturba o leitor, ao relatar experiências místicas profundas, desnudando as pessoas. Como num espelho, ele consegue abrir o íntimo dos outros, de uma maneira que deve parecer sensacional ao leitor europeu, a quem destinava seus escritos.

Com sua morte, alguns de seus livros ou passagens deles estão sendo traduzidos e publicados. Parece-me que a ética mais adequada seria indagar previamente dos informantes se estão de acordo que se publique o que disseram a Hubert Fichte, pois ele torna públicas idiossincrasias e mesmo prefe-

rências sexuais dos informantes ou de seus amigos, alguns muito conhecidos no ambiente afro-brasileiro. Não esconde sua curiosidade especial em relação a sexo, por exemplo, quando uma filha-de-santo que também trabalhara anteriormente como prostituta, lhe diz que preferia um amante a outro e responde porque (: 115). Como observa em artigo recente José Jorge de Carvalho (1985: 214), o problema está no quanto publicar dos dados obtidos durante o trabalho de campo e para que público divulgá-los. Muito empolgado com a observação transparente e com a transmissão verbal, parece que Fichte estava pouco atento a problemas de uma ética antropológica. A maioria dos antropólogos clássicos ou modernos, mesmo quando analisam a vida sexual dos povos que estudam, evitam apresentar o nome das pessoas. Fichte nomeia as pessoas a que se refere ou indica a primeira letra do nome e do sobrenome, revelando amantes e preferências sexuais de pessoas vivas e conhecidas, sem a menor cerimônia, da mesma forma como, em outros trabalhos, discute sua própria bissexualidade. Este parece-me um dos pontos mais críticos de sua *Etnopoesia,* por implicar num desrespeito pelo outro, talvez inadvertido.

Hubert Fichte nasceu em 1935 na Alemanha, filho de uma empregada de escritório e de um judeu desaparecido. Teve infância difícil na Alemanha Nazista. Suas impressões dessa época são relatadas em *O Orfanato* (1986), que recebeu, em 1965, o prêmio Hermann Hesse. Fichte se identificava como bastardo, meio-judeu e bissexual, como um triplo marginal, conforme lembra Wolfgang Bader, organizador e prefaciador de *Etnopoesia.* Assim, facilmente, aproximava-se de outros marginais da sociedade, como os praticantes das religiões afro-americanas que aborda no livro.

Como "escritor maldito", Fichte tornou-se, em suas próprias palavras, "cobaia de si mesmo". Deixou inacabada uma História da Sensibilidade, um *romain fleuve* já com dezessete volumes, que começou a escrever em 1974 e dos quais os dois primeiros foram publicados postumamente na Alemanha, em setembro de 1987. Reconhecendo-se bissexual, Fichte viveu, até a morte, com a fotógrafa alemã Leonore Mau, que conheceu em 1950, sua inseparável companheira de viagens e co-autora de algumas obras. Nos anos 60, Fichte realizou uma série de entrevistas num *eros-center,* tendo então participado de rituais sado-masoquistas em festivais de homens de couro, que ele reelabora no *Ensaio sobre a Puberdade* (1986). Posteriormente, passou a se interessar pelos rituais afro-americanos, especialmente, pelos rituais iniciáticos e por plantas medicinais utilizadas em cerimônias, como na chamada "quebra de consciência", sobre o que escreveu artigos e ensaios.

Vivendo na Alemanha, viajou muito por vários países e nos últimos vinte anos, especialmente, no mundo afro-americano, onde conquistou amizades e inimizades. Seus trabalhos destinavam-se ao público alemão e europeu. Daí talvez derive sua necessidade em frisar, com fotos e palavras, os contrastes mais sórdidos entre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento das favelas de terceiro mundo. Europeus que vivem entre nós há mais tempo não apreciam este gosto de Fichte em enfatizar a pobreza. Na periferia das grandes metrópoles, onde sobrevivem populações marginalizadas e em cujo meio se desenvolvem as religiões afro-americanas, Fichte cultivava grandes amizades.

Como romancista e escritor, aproximou-se das ciências humanas, aprendendo com a etnologia, como diz, "o hábito incômodo da verificação" (: 38). Estudioso das religiões afro-americanas, teve que enfrentar o problema do segredo e da iniciação. Um sacerdote de vodu haitiano ensinou-lhe que nunca inicia totalmente um branco. Fichte enfrentou com propriedade este problema (: 190), desdobrando-o em três soluções: 1º) submeter-se à iniciação e ficar preso ao segredo; 2º) trair o segredo e satisfazer a disciplina científica; ou 3º) trair a disciplina da pesquisa científica, conscientizando-se, ao mesmo tempo, de que todos estes métodos têm a desvantagem de ser incompletos. Parece-me que Fichte, como escritor e sem todas as exigências éticas e acadêmicas de um antropólogo, preferiu trair a disciplina da pesquisa.

Seu livro póstumo *Etnopoesia, Antropologia Poética das Religiões Afro-americanas* é uma coletânea de ensaios organizada e prefaciada por seu amigo Wolfgang Bader. Os textos foram retirados das obras: *Petersilie,* de 1980 e de *Lázaro e a Máquina de Lavar,* de 1985, precedidos de uma conferência na Associação Frobenius de Frankfurt, de 1977. Foi publicado após a morte do autor, ocorrida a 8 de março de 1986, poucos dias antes de completar 51 anos. No prefácio, o organizador faz para o público brasileiro uma apresentação do autor e da obra. O livro se inicia por um pequeno capítulo introdutório teórico, seguido de três depoimentos de participantes de religiões afro-brasileiras. Apresenta depois elementos componentes da chamada quebra de consciência e depoimentos sobre a iniciação nos cultos dos vodus do Haiti. Seguem-se considerações sobre as religiões afro-cubanas em Miami, sobre o culto de Maria Lionza na Venezuela e o Xangô em Granada. Encerra-se com pequeno capítulo fazendo aproximações entre ritos afro-americanos, ritos africanos do Togo e do Benin e costumes da Grécia e do Egito antigos, descritos por Heródoto.

No prefácio, Wolfgang Bader comenta a unidade entre a vida e a obra de Hubert Fichte, que qualifica de etnoestética ou de antropologia poética, situando-a entre a criatividade poética e o rigor científico, ao analisar a marginalidade na Alemanha contemporânea e nas religiões afro-americanas. Afirma que Fichte não é um escritor tradicional, mas um arqueólogo da linguagem, do tempo e do espaço e, com propriedade, compara-o ao pintor renascentista Giuseppe Arcimboldo, que compõe retratos com livros e legumes. Fichte, habilmente, monta textos com palavras dos informantes, fazendo com que tiremos nossas conclusões sobre o que eles dizem, fazem ou pensam. Depois lapida seus textos como um escultor que trabalha material muito nobre, elaborando sínteses concisas, sem redundâncias, que espelham bem a realidade observada.

Na introdução, "Observações heréticas para uma nova ciência do homem", Fichte critica o desprezo pela linguagem, nas ciências humanas, comparando o jargão científico ao neocolonialismo, que encobre a dominação. Compara tribos indígenas pacificadas por etnólogos e depois dizimadas com presos e doentes mentais voluntariamente submetidos a novos psicofármacos. Enfatiza a importância da observação transparente e da revelação de pressupostos. Lamenta que sejam cada vez mais raros os trabalhos baseados no convívio discreto de vários anos. Lembra que a identificação de uma única planta, freqüentemente, exige anos, como a descrição de um rito talvez exija décadas.

É pena que Fichte não tenha ampliado as idéias que levanta nesta introdução, como outras que apresenta no livro e que retoma no último capítulo. Talvez tenha tratado destes temas em trabalhos que não conhecemos. A concisão extrema, algumas vezes, dificulta a compreensão de certas idéias que ele quer transmitir, sobretudo, no último capítulo, onde citações e referências parecem, às vezes, soltas e confusas. Ao longo do livro e no último capítulo, procura relações poéticas e empíricas entre manifestações culturais do Mediterrâneo e do Egito na Antiguidade clássica, com as culturas do Golfo do Benin e com aspectos do sincretismo afro-americano. Assim, afirma:

> Quero mostrar detalhadamente, em descrições de Heródoto, que certos ritos ainda hoje existentes nas religiões afro-americanas ocuparam um lugar na cultura européia desde a época clássica, e que não significam nem decadência nem uma relíquia atávica. ... Não para confirmar, uma vez mais, a superioridade da tradição ocidental em relação aos assim chamados povos primitivos, mas no sentido oposto: para indicar o fluxo alternado de ondas núbias, etíopes, líbias e de seu reverso cário, jônio e ático (:312).

Sua preocupação explícita em querer resgatar a cultura afro-americana de um "isolamento exótico", ou da situação de um "refugo algo opaco e vazio no quintal dos Estados Unidos", corre o risco de incorrer em erros ou exageros de Historicismo e de Difusionismo, teorias que foram comuns na Etnologia alemã e européia das primeiras décadas deste século. Gostaríamos de conhecer outros trabalhos em que Fichte aprofunde estas idéias, para ver se consegue nos convencer melhor. Lembro, certa feita, uma conversa em que Fichte queria ver a não utilização de instrumentos de metal em alguns sacrifícios cerimoniais afro-maranhenses, como uma continuidade de rituais africanos anteriores à idade dos metais. O estudo das chamadas "sobrevivências culturais" é um tipo de preocupação que a Antropologia moderna abandonou há muito, pela impossibilidade de comprovações empíricas e em cuja tentação Fichte incorre algumas vezes.

A atual edição se ressente, também, de alguns erros de revisão que aparecem, vez por outra. Sem ser exaustivo, posso, por exemplo, indicar alguns: apojevó com inicial minúscula quando é o nome do vodum Apojevó na página 143; Akõnzu e Bokussó em vez dos voduns Azonçu e Bossukó na página 152: Bequimá em vez de Bequimão na página 146; São Paulo em vez do bairro de João Paulo na página 167; D. Cortinha em vez de D. Cotinha na página 162; pror em vez de por na página 273. Estes e alguns outros erros poderiam ter sido corrigidos, e certamente o seriam, se Fichte estivesse vivo quando da publicação brasileira de seu trabalho. Vejamos agora o material que apresenta.

A entrevista com a francesa "embaixatriz", antropóloga e mãe-de-santo, é um dos capítulos mais interessantes do livro. Complementa diversas informações que não foram incluídas pela entrevistada em sua tese defendida na Sorbonne, sob orientação de Roger Bastide, sobre o Candomblé angola de Joãozinho da Goméia. Conta sua vida, fala de seus contatos com a mãe África, da amizade com Verger e apresenta sua visão pessoal do Candomblé no Brasil. Fala da simpatia pessoal, da grande força e importância de Joãozinho para as religiões afro-brasileiras, introduzindo o Candomblé nos meios artísticos, intelectuais e políticos e contribuindo para que a Umbanda reencontrasse suas origens africanas e se aproximasse do Candomblé. Segundo ela, a volta às origens dessas religiões não pode se dar na África. Diz que os membros do Candomblé não sabem transmitir sua religião, que é monopolizada por pessoas sem grande valor moral. Fala sobre a importância do segredo e descreve, de maneira impressionante, o que sente na experiência de transe, contando também muita coisa de sua vida pessoal.

Segue-se o depoimento de uma jovem filha-de-santo do Rio, mostrando sua origem e a situação de pobreza no ambiente urbano, comum à grande maioria dos participantes tradicionais das religiões afro-americanas. É a história de vida de uma moça negra da zona norte, que se prostituiu na zona sul, passou pela Umbanda e conheceu um artista estrangeiro quarenta anos mais velho. Fala do racismo das butiques, restaurantes, bancos e edifícios do Rio. Diz que não gosta de Candomblé e teve raiva da mãe-de-santo durante a iniciação. Dá seu depoimento sobre o que sente no transe e termina dizendo que deseja estudar medicina.

No capítulo seguinte, Prata Jardim conta sua vida. Bisneta de africanos, nascida em 1925 no interior do Maranhão, foi levada com dez anos para a Casa das Minas, onde conviveu com mãe Andresa durante quase vinte anos. Narra suas experiências de transe e vidência, sua vida como operária em fábricas de tecido e diz que gosta de perfume Cashemere Bouquet. Fala sobre puro e impuro e da importância, para uma casa de minas, das pedras vivas que atraem o deus como ímã. Prata Jardim diz que deseja ir à África para aprender mais coisas sobre Zomadonu e os outros voduns. Para isso, estava começando a estudar francês com Hubert Fichte. Muitas de suas palavras que ouvimos juntos e que ela gosta de repetir também aparecem na monografia que publiquei sobre a Casa das Minas (Ferretti, 1985).

Seguem-se dois capítulos sobre a iniciação, o primeiro tratando da quebra da consciência no Brasil e o outro, da iniciação dos haitianos ao longo da vida. No estudo da obrigação de consciência, Fichte diz que utiliza, entre outros ardis, seu conhecimento sobre plantas para conseguir informações de pais e mães-de-santo. Com este interesse comum, tendo dez anos de intervalo, aproximou-se de informantes na Bahia, em Recife, na Amazônia, em São Luis e no Rio de Janeiro. Conclui que no Candomblé do Brasil, nos ritos ketu, jêje, angola e nagô, utiliza-se uma quimioterapia na iniciação (: 184). Refere-se a diversas plantas e outros ingredientes utilizados no preparo de banhos e bebidas. Diz que, nas publicações que consultou, nenhum dos estudiosos das culturas afro-americanas apresenta informações sobre o ritual da quebra de consciência e sobre as plantas e outros elementos utilizados neste ritual. Em 1985, no artigo "Plantas da Casa das Minas", que publicou no periódico alemão *Ethnobotanik,* Hubert Fichte apresenta receitas de diversos banhos, amassis e remédios para várias finalidades. Indica quase oitenta plantas diferentes com os respectivos nomes científicos que foram identificados segundo especialista, algumas contendo incorreções de revisão da grafia latina.

O capítulo sobre a iniciação no Haiti, escrito em 1984, a partir de dados coletados entre 1972 e 1976, é também um dos mais interessantes. Fichte

mostra que, no Haiti, um dos países mais pobres do mundo, o vodu ajudou o povo a suportar a escravidão e a sobreviver ao neocolonialismo, ao turismo e aos governantes. Fala da importância dos segredos na iniciação, dizendo que folhas são *utilizadas como senha entre sociedades religiosas secretas*. Diz que a iniciação vai de antes do nascimento até após a morte e que as receitas de plantas constituem a parte mais secreta da religião. Fala das dificuldades em descobrir as receitas e em relacionar os nomes às ervas, pois, muitas vezes, uma planta possui vários nomes ou um mesmo nome pode designar várias plantas. Lembra, também, que não existem herbários completos na América Latina e no Caribe e afirma o grande conhecimento botânico dos sacerdotes do vodu, quanto à ação química que as plantas exercem sobre o corpo e a mente dos adeptos (: 191). Lembra adiante (: 224) que o toque dos tambores altera o batimento cardíaco, provocando distúrbios nas glândulas internas e influenciando o comportamento e a consciência.

Mostra que, no Haiti, muitas mulheres dão à luz nos templos do vodu e os sacerdotes doutores em ervas são, também, parteiros, utilizando plantas para chá e banhos, inclusive para facilitar a amamentação, que dura dezoito meses. Como amigo de dois sacerdotes do vodu do Haiti, na capital e no interior, Fichte conseguiu informações bastante completas sobre a iniciação em suas diversas etapas. Apresenta, com a história de vida, a descrição detalhada dos rituais de iniciação dos pais-de-santo, seus amigos. Fala dos caminhos para se tornar sacerdote do vodu e das cerimônias para a inauguração de um templo, descrevendo etapas dos rituais que presenciou.

Comenta (:200) o uso de psicofármaco preparado com plantas, também utilizado em outras religiões afro-americanas, e diz (: 191) que considera a iniciação uma espécie de lavagem cerebral condicionada por ação de plantas[1]. Hubert Fichte descreve ainda rituais fúnebres no vodu do Haiti, onde se considera que o espírito do morto realiza viagem de um ano de ida e volta à África e depois se manifesta na família. Comenta que feiticeiros e sociedades secretas podem tentar ressuscitar o morto como zumbi, com o uso de plantas com propriedades entorpecentes, como o pepino de zumbi, que podem transformar uma pessoa em cataléptico (: 213). Lembra que Shakespeare, no *Romeu e Julieta*, deveria, também, conhecer tais drogas.

---

1. A este respeito, numa conversa em setembro de 1987, Pierre Verger disse-me pessoalmente, que, a seu ver, a iniciação nas religiões de origens africanas visa tirar os condicionamentos que a educação inculca nos indivíduos e faz aflorar o verdadeiro eu que vem do orixá, concordando que isso pode ser chamado de "lavagem cerebral".

Hubert Fichte dedica um capítulo à situação das religiões afro-cubanas em Miami, onde, em ambiente indiferente ou hostil, segundo dizem, há mais seguidores do culto iorubá do que na Nigéria. Informa que mais de trezentos mil exilados cubanos adeptos da santeria têm difundido sua religião, principalmente em Miami, Nova Iorque, Porto Rico, México e Caracas. Diz que, nos Estados Unidos, um simples giro nos rituais com toques de tambores custa quinhentos dólares, uma iniciação custa cerca de quinze mil dólares e o culto enfrenta protestos das sociedades protetoras dos animais. Segundo boatos entre os exilados, tanto Batista, como Fidel Castro devem ter-se iniciado nos ritos congos em Cuba (: 287).

Diz que em Miami ou em Cuba, como em toda parte, o homossexualismo é dissimulado, não sendo admitido entre os babalaôs, que lá não podem entrar em transe, nem ser admitidos em determinadas sociedades secretas. Fichte compara o caráter bicontinental e bissexual da cultura afro-americana (:244) e, em outro capítulo (: 284), diz que as religiões afro-americanas e os bissexuais relacionam-se de forma desarmônica com a política, pois ambos são condicionados pela repressão. Constata que os sicretismos e os desvios de comportamento sexual não se aceitam como norma e inexiste a possibilidade de serem reconhecidos como tal. Diz, ainda, que os afro-cubanos de Miami estão retornando para a África, em viagens cheias de esperanças e desilusões.

Seguem-se dois capítulos que abordam o culto de Maria Lionza e a cerimônia da velação ou velatório na Venezuela. Descreve cerimônias em local próximo ao rio Orinoco, em que mulheres desenham sinais mágicos no chão, com talco Johnson e Freddy caminha sobre brasas e, sucessivamente, se transforma em Xangô, Dr. Gregório Hernandes, Índia Rosa, Negra Francisca, no revolucionário Camilo Torres, no libertador Simón Bolivar e no Negro Felipe. Comenta problemas da Venezuela onde ouviu um homem de negócios dizer a outro: "Dê-se por satisfeito que o povo acredita em Maria Lionza. O dia em que acreditar na foice e no martelo, você não dirigirá mais seus três carros." (:260). Afirma que Angelina Pollak-Eltz considera a cerimônia do velatório semelhante a uma iniciação, sendo usada como purificação, pagamento de promessa, contra insônia, doenças, etc., numa superposição de rituais. Constata que a religião de Maria Lionza, que se difundiu a partir dos anos 50, possui certas semelhanças com a Umbanda do Brasil e é uma das poucas da América negra que desenvolveu uma cerimônia de casamento.

O penúltimo capítulo apresenta observações a respeito do culto Xangô em Granada, onde, segundo Fichte, não existem estudos sobre cultos afro-

americanos, reflexo do desprezo pelas estruturas espirituais e sociais dos antigos escravos. Diz que sistemas reacionários e revolucionários rejeitam as religiões afro-americanas, considerando-as supersticiosas e anti-progressistas (: 284). Para ele (: 288-9), as religiões afro-americanas são multiplamente reacionárias e revolucionárias. Seu duplo ímpeto revolucionário reside em sua inaceitabilidade, devido à cor negra, em uma possível confraternização na liberdade da fantasia e em sua elasticidade psíquica para os adeptos.

Depois de apresentar alguns dados sobre a história e sobre a população da ilha de Granada, Fichte descreve aspectos dos cultos de origens africanas, alguns sincretizados com elementos protestantes ou pentecostais *(spiritual baptists ou shango babtists)* e onde rios, fontes e lagos vulcânicos estão incluídos no culto como locais de sacrifícios. Impressiona-se com a criatividade das vestes coloridas dos *spiritual baptists* de Granada, comentando que, com poucas exceções, as religiões afro-americanas não conhecem trajes muito exuberantes (: 299). Diz que em Granada há cerimônias para chamar a chuva, como na África, e, pouco depois, ou durante as mesmas, a chuva, que marca o início do ano religioso, começa a cair. Há, também, festas anuais para santos africanos e cerimônias curativas contra a loucura e maus espíritos, com bebida do sangue de animais sacrificados e dança dos possuídos. Refere-se à existência de cerimônias africanas de núpcias e ao tratamento com ervas, antes e após o parto.

Segundo Fichte, o conhecimento dos deuses africanos em Granada está desaparecendo e, como em toda parte da América negra, os sacerdotes têm temor em enumerá-los, provavelmente, para não revelar seus lapsos de memória (: 303). Formula, então, para o futuro, um prognóstico que gostaria que não fosse realizado:

> como a geração adulta se desinteressa pelos tambores, as receitas mágicas cairão no esquecimento, os ritos continuarão existindo como atavismo à margem ou serão diluídos em festivais e exposições. Depois da devastação de uma ou duas gerações, quando se tiver tentado inutilmente curar esquizofrênicos com ginásticas, uma onda de conscientização afro-americana reviverá os velhos ritos, então receitas psicossomáticas antiquíssimas terão sido destruídas pela teorização e pelo ocultismo barato (: 307).

Tal previsão, infelizmente, é provável que se aplique a muitas outras realidades afro-americanas.

Não há dúvidas que Hubert Fichte é um grande escritor, que deixou uma imensa obra literária e que domina muito bem a arte das palavras. É também um excelente observador da realidade e das pessoas, fazendo em seu traba-

lho com que elas falem e digam o que pensam e como vivem. Mas, de fato, ele é um escritor mais do que um antropólogo. Mais do que com o rigor técnico e com a atualidade de teorias, ele está preocupado em apresentar suposições interessantes e, talvez, até fantasiosas. Demonstra, assim, sua capacidade de imaginação e, às vezes, chega a intuições brilhantes, lógicas e prováveis. Durante os 15 últimos dos seus quase 51 anos de vida, Fichte se aprofundou no estudo das religiões afro-americanas, escrevendo e publicando vários trabalhos sobre este assunto, juntamente com outros escritos de sua fértil carreira literária, muito aplaudida e premiada. Sua "antropologia poética das religiões afro-americanas" torna acessível ao leitor brasileiro, atualiza e divulga aspectos interessantes e pouco conhecidos das religiões na América Latina e no Caribe. Assemelha-se, assim, no tema, a escritos de Angelina Pollak-Eltz (1972) ou de Roger Bastide (1974), apresentado, porém, no agradável estilo de sua *Etnopoesia*. Ao mesmo tempo, não escreve um livro básico e exclusivamente de poesia etnográfica, como o do embaixador A. N. M. Cadaxa (1985) sobre a deusa do amor no vodu do Haiti. Privilegiando o conhecimento das plantas e o estudo da homossexualidade, Hubert Fichte quer nos dar uma visão poética sobre a realidade geral das religiões afro-americanas. Neste trabalho de etnoliteratura, oscilando entre a convicção do poeta e o rigor do cientista, opta, conscientemente, por trair a disciplina da pesquisa científica.

Seu livro, sem dúvida bem escrito, encanta e seduz o leitor, embora, às vezes, contenha exageros, imprecisões ou impropriedade de termos, como, por exemplo, suas referências à quimioterapia (: 184), à ação química de plantas (: 191) ou a psicofármacos com plantas (: 200). Além disso, Fichte chega, por vezes, a perder a objetividade, por exemplo, com sua preocupação freqüente em desvendar a existência de sacrifícios humanos, até hoje, no Haiti (: 189, 285), na Venezuela (: 279), ou na Bahia, ainda nos anos vinte (: 299), o que, no mínimo, está pouco fundamentado. Apaixonado pelo assunto de que trata, Fichte acaba incorrendo no viés sensacionalista, fazendo lembrar algumas belas reportagens sobre religiões afro-brasileiras da revista "O Cruzeiro" dos anos 50. Por outro lado, como declara, sua atitude em relação à cultura afro-americana "não é apenas uma questão de crença, de idéias, de estética, ... significa prática, é uma postura frente ao cotidiano" (: 308). Explicita que "gostaria de resgatar a cultura afro-americana de um isolamento exótico" (: 318), mas, contraditoriamente, parece-nos que ele corre o risco de provocar o exotismo que condena. Apesar de tudo, entretanto, Hubert Fichte nos deixa um livro bonito, muito bem escrito, feito com amor e empatia profunda e, por isso mesmo, polêmico, como tudo o que tem vida e como foi sua própria vida.

BIBLIOGRAFIA

BASTIDE, Roger. 1974. *As Américas Negras*. São Paulo: DIFEL/EDUSP.

CADAXA, A. B. M. 1985. *Teu Corpo é Ouro Só. Ritos de Iniciação Vodu*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira/I. N. L.

CARVALHO, José Jorge de. 1985. A Racionalidade Antropológica em Face do Segredo. *Anuário Antropológico/84:* 214-222.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. 1985. *Querebentan de Zomadonu. Etnografia da Casa das Minas*. São Luis: Edufma.

FICHTE, Hubert. 1985. Die Pflanzen der Casa das Minas. *Ethnobotanik*, Sonderband 3/85: 241-248.

————. 1976. *Xangô*. Hamburgo: S. Ficher.

————. 1980. *Petersilie*. Hamburgo: S. Fischer.

————. 1985. *Lazarus und die WaschMaschine*. Hamburgo: S. Fischer.

POLLAK-ELTZ, Angelina. 1972. *Cultos Afro-Americanos*. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello.